

Palavras com va

A formação de termos da moda nas empresas exhibe cacoes corporativos

POR SÍRIO POSSENTI

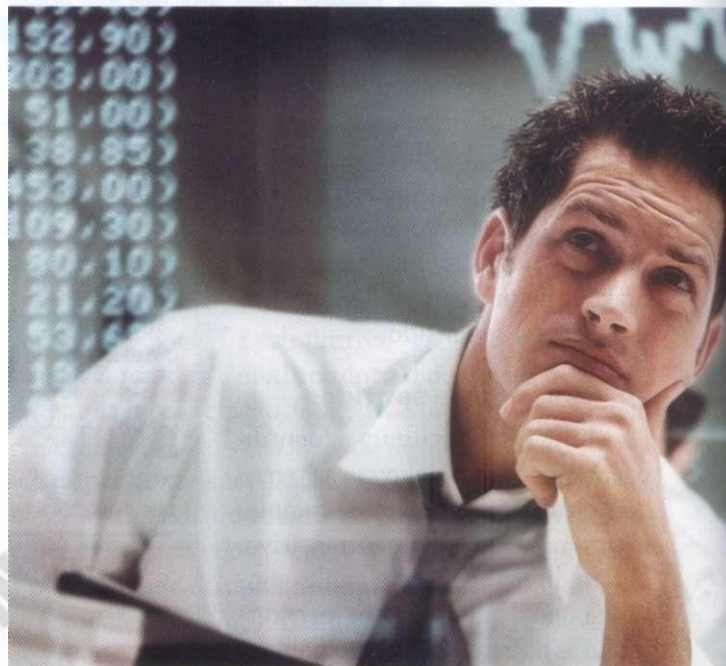
Suponhamos que um texto lido em sala de aula contenha as seguintes palavras: "confiabilidade", "credibilidade", "credulidade", "propriedade" e "empregabilidade". Analisar sua estrutura e seu comportamento sociolinguístico e discursivo pode revelar fenômenos que permitem esclarecer certos aspectos de uma língua. Descobrem-se traços da "máquina" de produzir palavras, que é uma parte da gramática. Também se descobre que a história da língua produz formas aparentemente iguais, mas por caminhos diversos. Finalmente, podem-se verificar mudanças de significado, permanecendo o significante incólume. Ou dar-se conta do aumento de circulação de um termo por razões que não são inocentes. Em duas das cinco palavras pode-se verificar um processo de derivação que permite relacionar verbo, adjetivo e substantivo:

Confiar > confiável > confiabilidade;
Empregar > empregável > empregabilidade.

Derivação duvidosa

Com as outras palavras, a relação com formas que poderiam ser suas primitivas (para postular uma derivação) encontra óbvia dificuldade. "Credibilidade" é provavelmente tradução direta de *credibilitas*, eventualmente derivada de *credibilis*. "Credulidade" tem relação com "crédulo", mas a relação de "crédulo" com "crer" é impossível em termos morfológicos sincrônicos. "Crédulo" tem relação com a forma latina do verbo, *credere*.

Pode-se observar que de "crível" não se deriva "*cribilidade", nem "*incribilidade" de "incrível", o que ilustra outro fenômeno, o dos vazios lexicais (não se diz "jogamento", mas "jogo", embora se diga "julgamento" e não "julgo", que é só verbo).



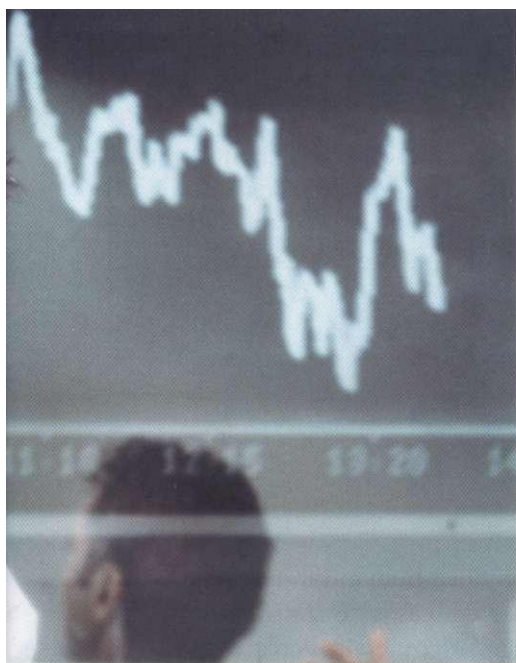
Das cinco palavras se pode dizer que não são populares. E desse fato - o de serem mais eruditas - derivam fenômenos de interesse, e diferentes um do outro, ao menos em relação a algumas delas. Vejamos:

O primeiro é que algumas dessas palavras são incorporadas ao léxico de pessoas públicas não muito escolarizadas (políticos e atletas, por exemplo), em decorrência de sua exposição à mídia, entre outros fatores. O significante de cada uma permanece sempre igual, exceto por diferenças regionais de pronúncia (*credibilidade* / *credibilidadi/dji*, por exemplo), mas, eventualmente, são usadas em sentido que não equivale aos dos dicionários: seu uso por outra "classe" de falantes provoca mudança de sentido, ou, ao menos, uma variação. É o que ocorre com "confiabilidade" e "credibilidade".

A observação mostra que muitos falantes usam essas palavras em construções como "O time está perdendo a credibilidade da torcida" / "Os políticos estão perdendo a credibilidade do povo" e "Os médicos de família têm mais propriedade para emitir diagnósticos" / "Quem estuda história tem mais propriedade para decidir".

Uma olhada nos dicionários mostra que "confiabilidade" não é um predicado de quem confia, sentido

lor de mercado



que tem nas frases acima, mas de quem merece confiança. São os times e os políticos que têm ou perdem credibilidade. Mas, nas construções mostradas, fica patente que a credibilidade é considerada um predicado da torcida e do povo. O que vale para "credibilidade" vale para "confiabilidade".

No caso da "propriedade para emitir diagnósticos", o caminho que explica o novo uso / sentido é tortuoso. Um médico de família competente produz diagnósticos adequados, apropriados, isto é, com as propriedades exigidas (que produzirão a cura). A passagem de "diagnósticos apropriados" ou com certas propriedades (corretos) para a "propriedade (adequação) dos diagnósticos" não é óbvia, mas parece ser a que explica o passo seguinte, atribuir a "propriedade" a quem produz o diagnóstico,

em vez de ao diagnóstico. Do fato de que o médico produz diagnóstico apropriado (ou com propriedade, como em "diagnosticou com propriedade") passa-se a "o médico tem propriedade para produzir bons diagnósticos". A cadeia é mais frágil do que a que explica a mudança do sentido de confiabilidade / credibilidade, mas é o trajeto histórico e psicolinguístico que os falantes fazem para chegar a este uso da palavra.

Transformações

Não se trata de dizer, simplesmente, que as pessoas que usam tais palavras nessas construções e com esse sentido simplesmente erram. Mais interessante é dar-se conta de movimentos históricos que geram mudanças semânticas, fenômeno comum na história das línguas.

Agora, considere-se "empregabilidade". Sua "derivação" é regular: destaquem-se as regras produtivas diacronicamente (mudança de $v > b$ e de $e > i$): empregável > empregabilidade (como em amável > amabilidade e centenas de outras) e que continuam produtivas sincronicamente ("imexível" só poderia derivar "imexibilidade", assim como "convivível", convivibilidade...).

Outros aspectos são sua circulação e seu sentido ideológico. Em meados nos anos 90, a palavra, até então de uso raro, passou a ser frequente em jornais (que repetiam um discurso que se impunha), em textos de autoridades e especialistas. Houve mudança política de foco: em vez de falar de "emprego" / "desemprego", passou-se a falar de "emprega-

bilidade" / "não empregabilidade" (ninguém falou em "desempregabilidade"...). O que explicava a mudança e a "popularização" da palavra? Com a implementação de novas tecnologias em fábricas (robôs) e estabelecimentos (caixas automáticas, computadores) e o advento de novas formas de trabalho (mais serviços que indústrias), passou-se a exigir capacitação do trabalhador.

Para certa posição política / ideológica, a questão deixava de ser se as fábricas empregavam mais ou menos trabalhadores e passou a ser se eles tinham ou não qualificação para ocupar os "novos" postos de trabalho. Se eles eram empregáveis, se tinham esse predicado. Em épocas de recessão, é fácil perceber que isso significava "culpar" o cidadão em vez de o sistema "produtivo", como se fazia antes, pelo desemprego.

Neste caso, não se trata de mudança de sentido, como ocorre com "credibilidade" e "confiabilidade". Trata-se de um crescimento de circulação da palavra e da ocupação de um espaço especial nos debates ideológicos. De certa forma, a palavra condensou um conjunto de discursos e práticas de época: sua análise em contexto histórico explica que tenha havido tantos cursos de "capacitação", especialmente de desempregados, para que eles se tornassem capazes de disputar outros empregos ou organizar os negócios.

SÍRIO POSSENTI É PROFESSOR ASSOCIADO DO DEPARTAMENTO DE LINGÜÍSTICA DA UNICAMP E AUTOR DE LÍNGUA, TEXTO E DISCURSO (CONTEXTO)